

INTERCULTURALIDADE E PRÁTICAS ANCESTRAIS EM UMA ESCOLA INDÍGENA

INTERCULTURALITY AND ANCESTRAL PRACTICES IN AN APINAJÉ SCHOOL

INTERCULTURALIDAD Y PRÁCTICAS ANCESTRALES EN UNA ESCUELA DE APINAJÉ

Carina Alves Torres¹, Edinelma Alves de Sousa Resplandes², Felipe Wenderson Martins da Silva³

DOI: 10.54899/dcs.v23i86.4053

Recibido: 17/12/2025 | Aceptado: 22/12/2025 | Publicación en línea: 12/01/2026.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo geral abordar as práticas interculturais na Escola Estadual Indígena Mătyk, localizada na Aldeia São José, Apinajé. Explanei as vivências interculturais durante o mestrado em Estudos de Cultura e Território-UFT, em que conheci os saberes ancestrais, metodologias ameríndias e práticas educacionais. Assim, a problemática que atravessa esse artigo é entender como a Escola Estadual Indígena Mătyk, trabalha as práticas interculturais no ambiente escolar? Desse modo, parti da metodologia qualitativa, com o método da pesquisa participante, elencada na perspectiva decolonial. A decolonialidade implica na compreensão que estamos imersos no eixo moderno/colonial (Bergamaschi; Menezes, 2024, p.06), estrutura de poder imposta na educação indígena e em outras esferas sociais. Observo as práticas interculturais pelos contatos interétnicos, manifestadas no pátio, na escola e no posto de saúde da aldeia, perpetuadas na oralidade e cantorias. Assim, a pesquisa participante, possibilitou conhecer as metodologias e didáticas pedagógicas voltadas para a interculturalidade na Escola Estadual Indígena Mătyk em conjunto com o conselho de educação Apinajé e a aldeia São José. É notório que nas últimas décadas a pauta educacional é discutida nesse território entre as lideranças e universitários Apinajé. Porém é possível observar essas práticas no currículo escolar, pautados na colonialidade, tais como no sistema de avaliação e estrutura arquitetônica escolar.

Palavras-chave: Interculturalidade. Educação. Escola Indígena. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

Mătyk Indigenous, located in Aldeia São José, in the Apinajé Indigenous Land. I explored intercultural experiences during my master's degree in Culture and Territory Studies-UFT, in which I learned about ancestral knowledge in educational methodology and practices. Thus, the problem that crosses this article is to understand how the Mătyk Indigenous State School works with intercultural practices in the school environment? In this way, I carried out the qualitative

¹ Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Tocantinópolis, Tocantins, Brasil.
E-mail: carinatorres123alves@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9646-1930>

² Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Tocantinópolis, Tocantins, Brasil.
E-mail: edinelma.resplandes@ufnt.edu.br

³ Graduado em Pedagogia, Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Tocantinópolis, Tocantins, Brasil.
E-mail: felipewendersonms@educ.to.gov.br

methodology, with the participatory research method, listed in the decolonial perspective. Decoloniality implies the understanding that we are immersed in the modern/colonial axis (Bergamaschi; Menezes, 2024, p.06), a power structure imposed on indigenous education and other social spheres. I observe intercultural practices through interethnic contacts, manifested in the courtyard, at the school and at the village health center, perpetuated in oral speech and singing. Thus, the participatory research made it possible to learn about pedagogical methodologies and didactics focused on interculturality at the Mătyk Indigenous State School in conjunction with the Apinajé education council and the São José village. It is clear that in recent decades the educational agenda has been discussed in this territory among Apinajé leaders and university students. However, it is possible to observe intercultural practices in the school curriculum, based on coloniality, such as in the evaluation system and school architectural structure.

Keywords: Interculturality. Education. Indigenous School. Pedagogical Practices.

RESUMEN

El objetivo general de este trabajo es abordar las prácticas interculturales en la Escuela Estatal Indígena Mătyk, ubicada en Aldeia São José, en la Tierra Indígena Apinajé. Exploré experiencias interculturales durante mi maestría en Estudios de Cultura y Territorio-UFT, en la que aprendí sobre saberes ancestrales en metodologías y prácticas educativas. Así, el problema que atraviesa este artículo es ¿comprender cómo la Escuela Estatal Indígena Mătyk trabaja con las prácticas interculturales en el ámbito escolar? De esta manera, llevé a cabo la metodología cualitativa, con el método de investigación participativa, enmarcado en la perspectiva descolonial. La decolonialidad implica entender que estamos inmersos en el eje moderno/colonial (Bergamaschi; Menezes, 2024, p.06), una estructura de poder impuesta a la educación indígena y otras esferas sociales. Observo prácticas interculturales a través de contactos interétnicos, manifestados en el patio, en la escuela y en el centro de salud del pueblo, perpetuados en el habla oral y el canto. Así, la investigación participativa permitió conocer metodologías pedagógicas y didácticas enfocadas a la interculturalidad en la Escuela Estatal Indígena Mătyk en conjunto con el consejo de educación de Apinajé y la aldea São José. Es claro que en las últimas décadas la agenda educativa ha sido discutida en este territorio entre líderes apinajé y estudiantes universitarios. Sin embargo, es posible observar prácticas interculturales en el currículo escolar, basadas en la colonialidad, como en el sistema de evaluación y la estructura arquitectónica escolar.

Palabras clave: Interculturalidad. Educación. Escuela Indígena. Prácticas Pedagógicas.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A etnia indígena Apinajé está localizada na região Norte do estado do Tocantins, no território conhecido como Bico do Papagaio⁴, com uma população de aproximadamente 2.342 pessoas, segundo os dados da Siasi/ Sesai de 2014. A língua materna é o Apinajé e o tronco linguístico é o Macro-Jê. Essa povo foi classificada por Curt Nimuendajú (1983) como Timbira Ocidental por ter uma organização social com vários sistemas de metades. No ano de 2019, a Terra Indígena Apinajé possuía 45 aldeias, circundadas nas diversas áreas do território, com duas aldeias centrais: Aldeia São José e Aldeia Mariazinha, essas duas aldeias têm escolas com modalidades de ensino estaduais, atendendo o ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio. Através das vivências no território, percebi que os ônibus escolares transitam em boa parte das aldeias, realizando o trajeto dos alunos para as escolas. Notei que as práticas interculturais iniciam no ônibus escolar, por presenciar vendas de geladinho por uma professora que mora na cidade de Tocantinópolis e vendas de pulseiras, colares e frutos do cerrado de quatro alunos indígenas, delineando um pequeno comércio através das relações interculturais, que se inicia no percurso escolar:

[...] a concepção intercultural traz à tona diferentes e importantes aspectos das dimensões sócio-histórica, cultural, política e econômica, nas quais se dão os contatos entre diferentes culturas em situação de assimetria, como é o caso das relações estabelecidas entre os povos indígenas com a sociedade não-indígena no Brasil (NASCIMENTO, 2014, p. 03).

O autor destaca a concepção intercultural, pelo viés econômico, político, cultural entre as diversas sociedades, elencadas nas interações entre as populações indígenas e não indígena. No contexto da educação escolar Apinajé, essas interações são notórias nos segmentos, econômico, social e educacional. Dessa maneira, seguir a perspectiva descolonial, através de Mignolo (2017, p.31), ao citar que a “opção descolonial não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de “estudo”, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer.”

Nesse sentido, situo a observância e problemática deste trabalho rompendo com a ótica eurocêntrica e colonial que se perpetua na estrutura educacional e da sociedade, onde faço referências a trabalhos da etnia Apinajé com bibliografias que situam a interculturalidade e a educação libertadora, pautada em Freire (2017), o qual propõe uma educação que valorize os

⁴ Região norte do Tocantins.

saberes e conhecimentos tradicionais de cada povo em suas especificidades, ou seja, uma educação por meio do diálogo e que rompa com a prática da educação bancária.

No âmbito da educação escolar indígena, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) se destaca ao mencionar o viés da educação escolar bilíngue e intercultural:

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: I – proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; II – garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias. (BRASIL, 2017).

Apesar de a LDB assegurar essas premissas interculturais e bilíngues, é possível observar que no contexto Apinajé, e de outras etnias, não se configura nesses acordos como destacado nas LDB. Uma das pautas debatidas nas reuniões da Associação Pempxá é debater os temas pertinentes da educação escolar Apinajé, ressaltando a importância de uma educação decolonial e intercultural.

Realizei a pesquisa participante na escrita deste artigo, fazendo referência a Brandão (1981; 2006), por abordar esse método como instrumento de trabalho para a construção do conhecimento. Esse autor destaca que diversas manifestações ocorrem em um mesmo campo de participação, com práticas que “visualizam participação e ações educativas como momentos de um mesmo processo” (BRANDÃO, 1981, p. 14).

Toda a ciência social de um modo ou de outro deveria servir a política emancipatória e deveria participar da criação de éticas fundadoras de princípios de justiça social e de fraternidade humana. (BRANDÃO, 2006, p. 04).

Nesse sentido, a pesquisa na Escola Estadual Indígena Mătyk parte de uma visão emancipatória no tocante às discussões decoloniais e interculturais na esfera educacional Apinajé. Durante a trajetória da pesquisa, participei de reuniões, oficina, reuniões, roda de conversas, encontros e formatura escolar, sendo essencial na construção de uma discussão intercultural, através de conversas, diálogos e observação do cotidiano escolar.

CONTEXTO HISTÓRICO DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA MÃTYK

A Aldeia São José é uma das aldeias centrais da Terra Indígena Apinajé por realizar as principais reuniões dessa etnia e por oferecer os serviços de saúde e educação através do posto de saúde e da Escola Estadual Indígena Mãtyk.

No ano de 2019 a aldeia possuía 353 pessoas, segundo os dados municipais de saúde , sendo significativo o número de crianças e adolescentes que. Segundo Albuquerque (2012). A Escola Estadual Indígena Mãtyk, recebeu o nome do líder histórico, Mãtyk, por defender o território das invasões territoriais de fazendeiros, posseiros e políticos locais. A escola passou a funcionar no ano 1984 em um prédio abandonado da FUNAI. Nessa época eram os funcionários da FUNAI e missionários que alfabetizavam os alunos. Segundo Sousa (2018), o Projeto Político Pedagógico (PPP) está em processo de construção, pois os Apinajé anseiam por uma escola que de fato releve a realidade indígena:

É relevante destacar que o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena Mãtyk está em processo de construção, pois existe uma luta constante para que a escola possa trabalhar dentro da realidade dos povos indígenas Apinayé. A Escola Indígena Mãtyk possui 7 salas de aula todas com ventiladores, uma biblioteca, uma secretaria com boa iluminação e ar condicionado, uma sala dos professores, um laboratório de informática, dois banheiros, uma cantina, e um pátio cheio de pinturas indígenas e bem espaçoso. (SOUSA, 2018, p. 42).

Durante a pesquisa participante na aldeia São José no ano de 2019, estive com a equipe da coordenação escolar, dialogando acerca do PPP, no qual foi ressaltado o processo de construção e debates, pois a equipe escolar estava mobilizada nas ações a serem realizadas durante o ano letivo. O prédio escolar possui arquitetura com traços das pinturas Apinajé, com cores marcantes e um pátio circular, semelhante ao pátio de reuniões da aldeia. A escola tem um espaço amplo, com árvores próximas, como pequi, coco babaçu, aroeira e outras árvores típicas do cerrado. A primeira fase de ensino é estudada a língua materna com professores Apinajé, e no ensino fundamental II, a criança passa a ter contato com o português:

A escola possui professores indígenas e não indígenas, conquista essa que foi alcançada através de muitas lutas. A escola é bilíngue e essa também foi uma conquista muito relevante para a cultura desses povos. Além de aprender a língua materna, eles ainda aprendem inglês e português. Existem indígenas que ingressam na universidade e depois retornam para a sua comunidade para trabalhar na própria escola indígena. (SOUSA, 2017, p. 42).

O diretor da unidade escolar no ano de 2019 era indígena Apinajé, com formação em Educação intercultural e Biologia pela Universidade Federal de Goiânia (UFG), em que destacou a importância dos povos indígenas entrarem na Universidade, para atuarem em suas aldeias. O diretor ressaltou a importância da parceria escola e comunidade para trabalhar aspectos culturais na educação formal.

Visto que Bruna Ferreira e Maria Aparecida Bergamaschi (2024, p.) situam a metodologia colaborativa, como via de perpetuação da oralidade em roda de conversas na construção dos saberes das crianças.

PRÁTICAS INTERCULTURAIS DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA MÃITYK

Através da pesquisa de campo, notei vários traços que permeiam a relação intercultural dos povos Apinajé com os não indígenas, essas relações são construídas através de aspectos, que vão desde o pequeno comércio, campeonatos municipais a festividades como a formatura no ambiente escolar.

Um fato me chamou atenção durante a pesquisa de campo na aldeia São José, pelo número representativo de pessoas da cidade de Tocantinópolis que trabalhavam na aldeia São José, na área da educação e saúde. Na ocasião eu fazia trajeto no ônibus escolar, nas vivências do mestrado, assim conversava com os professores e alunos nessas trajetórias. Dentre as metodologias que a escola desenvolvia pautadas na interculturalidade, destaco as rodas de conversas no pátio escolar, por meio de livros literários, constituindo um momento de trocas culturais entre professores e alunos, por meio de perguntas, exposição de fotos e diálogos. Presenciei a realização do curso de formação com os professores, através do livro Pinturas corporais Apinajé, construído pelos professores e pesquisadores dessa etnia em parceria com a universidade Federal do Tocantins (UFT), na ocasião o professor Apinajé apresentou para os professores não indígenas didáticas para trabalhar essas temáticas com os alunos em sala de aula. Foi um momento de trocas de saberes, onde notei empenho e disposição da equipe escolar em participar e aprender.

A equipe escolar participou da organização da festa da tora Grande (párkaper)¹², realizada em parceria com a Associação Pempxá. Segundo Torres (2019),

A festa é a finalização do luto de um ente querido, desta maneira, às pessoas passam vários dias em festa homenageando a pessoa falecida. As toras são retiradas do buriti,

fruto cultural deste povo. (TORRES, 2019, p. 08).

A festa ocorreu na Aldeia Brejinho, próxima à Aldeia São José. Essa festa era em honra ao fim do luto do falecimento de uma liderança mulher, que faleceu anos anteriores. A liderança possuía um legado importante para esse povo, por lutar e reivindicar politicamente em defesa do território, ela atuava em várias esferas dessa etnia. Percebi que a festa movimentava as aldeias e as estradas vicinais, pois era nítido o trânsito entre as aldeias. Na festa, havia várias pessoas de outras aldeias, crianças, jovens, adultos e idosos, pois é um momento de reencontrar os conhecidos e os parentes. Outro fato recorrente são as vendas de lanches, pipocas, cigarros e outros atributos vendidos por pessoas da cidade de Tocantinópolis-TO. Durante a festa a equipe escolar, participou das danças, rodas de conversas das oficinas de pinturas corporais, além de registrar o evento com fotos e filmagens.

Na ocasião, o diretor ressaltou a importância da parceria escola e comunidade, por constituir aprendizado dos rituais festivos através do cotidiano. Na realidade escolar, observei certo distanciamento de alguns professores com os alunos, com interações apenas em sala de aula, apesar dessa situação, vi que alguns professores empenhados, em conhecer a cultura Apinajé, além de buscar metodologias e didáticas interculturais:

O mais importante é a interação que ocorre entre a escola e a comunidade, pois durante a caminhada é comum que outras pessoas da aldeia que se aproximam também participem. Tanto uma quanto outra situação é relevante para a proposta de uma aprendizagem nos pressupostos da interculturalidade, sendo esta vista como a própria razão de ser de uma escola nos domínios sociais indígenas. (ALMEIDA, 2017, p.150).

Alguns professores realizaram ações que abriram espaços para os anciãos falarem e dialogarem a partir dos saberes e conhecimentos tradicionais, com exposições de remédios medicinais e frutos do cerrado. Outro fato comum no cotidiano escolar é o uso do celular. Apenas a escola possuía wi-fi, os alunos e professores faziam uso recorrentemente desse aparelho. Vi que alguns professores usavam esse meio para se comunicar com eles e tirar dúvidas acerca dos conteúdos. Uma professora narrou esse fato:

Acho importante, os professores ter essa visão intercultural, buscando didáticas e metodologias que abarca a cultura Apinajé. Sempre utilizo o recurso tecnológico nas aulas. Gosto de fazer ações que valorize os saberes tradicionais, com eventos e festas. (Professora de História, Novembro de 2019).

A professora de História ressaltou que se sente honrada em lecionar em uma escola

indígena, pois aprende e se reinventa em conhecer a cultura Apinajé, além de colaborar para o ensino intercultural. Outro evento que participei foi à troca de sementes, que ocorreu em dezembro de 2019. A comunidade escolar participou e vários alunos trocaram sementes nesse evento. O coordenador escolar ressaltou a importância em perpetuar esses saberes, pois as sementes são essenciais para a alimentação na aldeia, com o cultivo de roças e hortas:

Penso que a educação, precisa aproximar comunidade e escola, por isso sempre libero a equipe escolar para participar dos eventos, estamos lutando para que de fato ocorra um ensino intercultural, onde essa troca cultural ocorra de forma harmoniosa. Sempre busco didáticas que propicie a interculturalidade, valorizando nossos saberes. (Diretor da unidade escolar, Dezembro de 2019).

Participei da formatura da turma do terceiro ano, evento que movimentou todas as aldeias próximas da Aldeia São José. Primeiramente ocorreu a aula da saudade, pela manhã, onde estavam presentes os familiares dos alunos. Cada formando manifestou gratidão à equipe escolar, relatando o que ansiavam para o futuro. Houve partilha de lanches e frutos do cerrado. No período da noite ocorreu a cerimônia com um número representativo de pessoas participando; professores e alguns alunos discursaram, elencando sobre a trajetória escolar. Houve apresentações, danças e cantorias da cultura Apinajé. Depois da formatura, houve uma festa de forró no balcão na aldeia, com vendas de bebidas e comidas.

CONCLUSÃO

Através das vivências na Aldeia São José, passei a ter experiências marcantes, como a participação em eventos, festas e reuniões, com compartilhamento de saberes na Escola Estadual Indígena Mătyk. As práticas interculturais trabalhadas na escola são permeadas por eventos culturais, recursos tecnológicos, reuniões, danças e músicas.

Os contatos interétnicos dentro da escola são nítidos, pois a interculturalidade inicia no ônibus escolar com o pequeno comércio e conversas. O diretor da unidade escolar e alguns professores desempenham várias ações pedagógicas voltadas para práticas interculturais, além de organizarem festas, encontros e eventos culturais. Apesar dos avanços ao longo das décadas no tocante à educação escolar indígena, se percebe traços coloniais perpetuados na escola, como no currículo, métodos de avaliação, didáticas e organização das fileiras de cadeiras e quadros, pois, são características que não fazem parte da realidade cultura Apinajé, mas se reproduz no ambiente escolar. Nesse sentido, as lideranças Apinajé lutam para uma educação que valorize todos os

atributos dessa etnia, além de uma educação decolonial.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edvirges. **A Educação Escolar Apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

ALMEIDA, de Alves, Severina. **A educação escolar intercultural Apinajé**: Um olhar para os professores bilíngues. *Facit Business and Technology Journal*, 139: 2(1):139, 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96. São Paulo: SINPRO, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. Brasiliense, São Paulo, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa**: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Orgs.). *Pesquisa participante: a partilha do saber*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006a, p. 21-54.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50.ed.rv.e.atual- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
MIGNOLO, Walter. **Desafio decoloniais hoje**. In.: *Epistemologias do sul, foz do iguaçu/pr*, 1(1), pp. 12-32, 2017.
NASCIMENTO, André Marques. *Interculturalidade: apontamentos conceituais e alternativa para a educação bilíngue*. Sures, v.1, p.1 19, 2014.

NASCIMENTO, A. M.. **Interculturalidade: apontamentos conceituais e alternativa para a educação bilíngue**. Sures, v. 1, p. 1-19, 2014.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Os Apinayé**. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1983. 146 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**. Porto edições, Afrontamento, 2006.

Site visitado: <http://www.saude.gov.br/sesai>. Acesso: 15/11/2019.

SOUSA, Marcia de. **Pibid e interculturalidade**: reflexões a partir de troca de cartas entre alunos indígenas e não indígenas. Monografia de Graduação – Universidade Federal do Tocantins (UFT) –Campus Universitário de Tocantinópolis- Curso de Ciências Sociais, 2018.

TORRES, Carina Alves. **Povo indígena Apinajé: Ritual da tora grande (párkaper)**. *Articulando e Construindo Saberes*, v. 5, p. 1, 2020.